

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PROGRESSO

Seculo desenhove, seculo do progresso!

A tua aureola irradia o fulgor dos mais alevantados espiritos e os teus louros assignalam a lucta dos mais encontrados principios.

Deante do ti n'lo passou a es-aravidão; e os maiores problemas não se escondem ao teu labutar continuo.

Com o proligio da idêa venceste os velhos inimigos que impediam a tua marcha vertiginosa e na marmore dos teus monumentos gravaste o epitaphio das instituições que foram.

Em frente do passa lo desenrolas os pergaminhos da tua nobreza, e, na consciencia do teu valor, orgulhas-te de civilisado.

A sciencia abrindo com sulcos de luz a senda indefinida do progresso; a industria dominando as forças da materia, penetrando as entranhas da terra, extrahindo dos opulentos thesouros da natureza inexauriveis fontes de riqueza; a arte decomponho elementos, organisando productos, transformando em preciosos artefactos as materias primas da criação, copiando na tela e cinzelando no marmore as creações esplendidas do genio, traduzindo em suaves harmonias as notas mais finas do sentimento, e marchetando o firmamento social de constellações maravilhosas de inventos, tudo isto e mais que isto, opulenta e glorifica este seculo que se chama de civilisação e progresso.

Mas a miseria e a descrença, os dois postes que sustentam a gilhotina, a materia prima que cimenta os carcerees que se multiplicam, poem bem a descoberto a funda chaga que vae corroendo as entranhas da sociedade moderna.

Por entre o ruído das machinas e o folgar dos festins ouve-se um surdo rumor de gemidos e desesperos semelhando a toáda lugubre d'um cortejo funebre.

Essa elegia pungente sabida dos recantos da sociedade, é o «dies irae» tremendo da proxima dissolução.

Audi á miseria e vencei a descrença.

Remedie os males resultantes das transformações economicas e das variações do commercio e da industria para que o carro triumphal da civilisação victoriosa não deixe após si rastos de sangue no seu trajecto luminoso.

Enchei da luz do christianismo as consciencias entenebrecidas, leve alento e pão á fria encherca do pobre.

Estudae o Evangelho e glorifica a Cruz.

O Evangelho e a Cruz, a theoria do amor e a pratica do soffrimento, realisarão a missão salvadora, pela transformação dos principios e pela orientação das consciencias.

Apprendei n'esse livro divino do amor e da dôr e regenerae os costumes, estudae aquele código da mais admiravel legislação e modifícae as leis.

Seja o Evangelho o verbo ideal da nova civilisação. Seja a Cruz arregoada com o sangue do primeiro Martyr a doce companheira de todas as lides e a divina dulcificadora de todas as angustias.

Ella abraçará todos os povos com seus braços d'amor, conjuntando-os no amplexo sancto da caridade, que é a ultima palavra da sciencia divina em face das utopias humanas.

A. J. M.

NOTAS DA QUINZENA

Entrou com as gargalhadas festivas d'um sol assador, capaz de produzir meningites.

Um sol creador de couves e de batatas, um sol amigo.

Um sol que, sem cerimonia, fazia destillar pelas bochechas humanas um suor copioso, depois, providencialmente ressequido, assim como cimento, por um pó subtil.

Sol que tudo arrebitava, n'uns impetos ferozes, pela natureza em fóra, desde o feijão frade até ao espinafre.

Sol ruborisador e colorisador.

Sol santo e bom!.

Mas foi-se embora legando-nos uma chuva inverrenta e teimosa, que nos tem enterrado nas carnes, assim como um gato bravo, as suas unhas de neve.

Chuva hydrophobica, que não nos tem deixado calcar impunemente o nũ das calçadas.

É maio bate-nos já á porta com os seus alacristantes rouxinoes de orêllhas hirtas e principalmente com o seu pó.—mesinheiro radical, no dizer dos nossos avoengos, para a cura das frieiras e dos rheumatismos.

Receberemol-o de caroga?

*

A quinzena tem sido de folguedo e de danae.

O espirito premidado pela tristeza nemtaute d'uma Semana Santa cheia de latim e de amortamentos negruráceos; o physico forço do no ajoelhamento,—relientoa em folguedos no sabbado d'Allêluia.

A LAGRIMA

A dança, honrosa no dizer de Pariset e Ville-neuve, é, pois, a que tem ultimamente reinado.

Por entre os bôtos e cavaças, as partidas do voltarête e o clangôr da muzica, teem-se desengonçado pernas a menos de real.

Sabbado, penultimo, um official do batalhão, recentemente aqui chegado, deu, n'um dos amplos salões de sua vivenda achalêtsada, um baile de luxo em que se desferrujaram, noite em fóra, pernís masculos e femeos.

A Assembleia, em seguida, proporcionou azo aos folguêdos dancatorios.

O sr. dr. Fernandes Braga, imitou-a.

Seguiu-a o sr. dr. Nunes da Silva.

Até nas camadas infimas da nossa sociedade houve parodia.

Assim, tivemos na rua Nova de S. Bento bailarico ao ar livre, que terminou com a recitação d'umas palavras frescas d'aguardente e com uns compassos de marmelleiro.

Na Granja todos os domingos, ao som da viola, tudo tem saltado e bailado.

No ultimo, tudo ali foi concorde em que a Maria Capadeira era a melhor dancarina. Isso, o diabo da mulher sempre tem um perniz para a coisa! E para cantar? Tem uma lingua de palmo: é divina no Regadinho.

Mostrou-se por isto que os barcellenses são homens de pernas. Que as barcellenses teem pernas d'homem.

Ainda assim os que as mostraram ter fracas, fôram os officiaes do batalhão, que, lá por as terem distendido na soirêe d'um seu camarada, em sabbado d'Alleluia, não fôram no domingo seguinte á da Assembleia, onde o herrante dos vermelhos e o luzente dos amarellos, das suas fardas, poria um tom pin-turesco e agradável.

Emfim altas razões.

A CARAVANA PASSA...

Snr. Redactor da «Lagrima»

O titulo d'osta epistola, (porque ha epistolas com titulos, as de S. Paulo, por exemplo, aos Corinthios) é um proverbio arabe. E' sabido que os arabes são mouros, e, quando atravessam as aridas e longinquoas planicies do dezerto, o fazem em caravanas, montados em pesados camellos, animal que tem uma grandê progeñie entre muito boas pessoas de todas as terras de Christo.

Ora, eu lho digo, snr. Redactor, a que proposito vem isto.

E' que o nosso amigo, illustre, illustrado e illustradissimo cidadão barcellense, João Caravana, segundo por ali consta, incommodou-se com umas quadras ou versos innocentes, publicados no ultimo n.º do seu jornal. Esses versos, como toda a gente sabe, não se podiam enten-

der com elle, porque se referiam a um coixo de perna e a um homem aleijado de ideias.

Ora, o nosso amigo Caravana não é coixo, nem aleijado de ideias.

Quanto ao phisico, é um homem perfeito, bem aprumado, elegante, bambolinando uma badine elastica, como um rapaz novo, solteiro, sem filhos e sem compromissos. Toda a gente sabe, e elle o diz—que não deve nada a ninguém. E' um homem correcto, amante da familia, bom irmão, bom filho, bom cidadão. Todos sabem os sacrificios que elle fez em favor dos seus, o grande, o grandissimo amor filial que demonstrou quando foi, por exemplo, da ultima e perigosissima e (oh! ceus!) fatal doenca de sua exm.ª mão.

Quanto ao espirito, quanto a ideias, todo o mundo sabe que elle é um espirito illustrado, «savant de tout faire». Elle concerta cachimbos, elle tem uns pós de limpar dentes, pós magnificos, elle concerta caixas de rapê, elle faz bnhices imaginosas... E' um portento de arte e de saber.

Portanto, sr. Redactor, parece impossivel que houvesse alguém que imaginasse que os versos do seu ultimo n.º se referissem a elle.

Eú, pelo menos, juro pelas cinzas dos camellos que teem morrido nos dezertos da Arabia, quando os mouros fazem as suas caravanas, juro que aquillo se não podia referir a elle.

Não. Não é possivel.

O sr. Caravana é um homem perfeito, escoreito, sem máculas.

O outro—é que é um aleijado e um pisorrio.

Termino, lembrando-lhe aquelle verso de Zacharias:

A caravana passa no dezerto,
muito pó, muito pó...

Ai caravana, pobre caravana!
Pim-pim, pó-pó...

UM LAYRADOR

O nosso collega da «Folha da Manhã», fazendo lisongeiras referencias ás festas Amarantinas, na semana santa, termina dizendo:

«Aos Amarantinos um voto de louvor; aos nossos patrios e patrias, que ali se distinguiram, um abraço de parabens.»

De tudo que li eu vejo,
Que o collega é mui escasso,
Pois ás damas e'o abraço
Podia mandar um beijó...

De Beldemonio:

«Ha sujeitos que dizem, em ar de farofia democratica, que não são nenhuns ricacos.—E assim se desculpam de ser uns pulhas.»

A LAGRIMA

A FILHA DO COVEIRO

D'essa creança o doce vulto aereo,
Franzino e descorado, enontro agora
To lo o dia a vagar no cemiterio
Das catacumbas pela rua a fora.

E enquanto ahi, no salgueiral funereo,
A estrige pia e o vento ulula e chora
N'esse logar, procura a vida embira
A morte o encha de asso.abro e de mysterio.

E aurindo fresca matinal, faqueira,
Recobra a extincta cor... Sorte mulicta,
A da flor que na tabila caveira,

Viceja on lo nasceu. Maldicta a sorte,
De quem para ter vida necessita
De ir a vida buscar na propria morte.

Inscrito de RAYMUNDO CORRÊA.

Este bellissimo soneto está escripto pelo pu-
nho do auctor n'um livro de versos, ineditos, do
nosso fallecido patricio Fernando Sá Vianna.

O seu auctor, brazileiro, é, no dizer d'un il-
lustre critico portuguez, a figura mais proemin-
ente na litteratura da America do Sul.

Isso mesmo se nota nos versos.

Queixou-se na administração, um individuo
do que lhe tinha sido roubada uma caixa.

Pela maneira como foi feita essa queixa—
n'um tom de desespero e d'afflicção—viu-se que
se tratava d'un d'esses objectos raros, a que nao
era alhoio a pedraria fina, o lavrado primoroso
d'um gosto genuinamente oriental; e, até, talvez
d'uma dadiva d'amor, d'uma recordação intima.

A auctoridade poz-se logo em campo captu-
rando desde o simples gavroche da rua, até o
mais alentado e perspicaz e caloso larapio.

D'essas prisões não se colheu resultado favo-
ravel.

O queixoso, porém, depois de ter revolido a
sua mente, verdadeiramente apocalyptica, apon-
tou como talvez auctor do extraordinario furto,
um caixeiro d'esta villa, porque lhe entrára em
casa no dia que lhe faltára o objecto.

Depois d'esta declaração, de prompto defron-
tou um empregado policial com o supposto cri-
minoso, rapaz galante, bem vestido e muito in-
telligente. Prevenido o seu patrão do succedi-
do—que ficou como que aterrado, porque não
esperava ter dentro de portas um ladrão—per-
guntou ao joven larapio se elle tinha furado
uma caixa ou bahu, de prata ou d'ouro, de casa
do sr. C. na occasião que ali fôra.

O rapaz empallidocêra, respondendo desatina-
damente. Porém, depois de muitas contradicções,

confessára que quando descera as escadas do re-
ferido predio encontrara no chão uma caixa, que
mettera no bolso.

A caixa, que fôra logo guardada com todas as
precauções, é de fabrico hespanhol, e que custa
(porque é de papellão) cheia d'uns lumes gran-
des, mas quando nova, a importante quantia de
30 reis (moeda forte).

O queixoso foi o sr. João Caravana, a quem
damos parabens pela felicidade que teve de en-
contrar o roubo.

Barcellos é terra de gente fina, digam lá o
que disserem.

Alguns amigos do sr. conselheiro José No-
vacos offereceram-lhe diversos objectos de prata,
entre os quaes, por mais distinctos, sobresahiam
duas serpentinhas, estylo Luiz XV, com assom-
brado fôseo.

Estiveram em exposição na administração do
concelho. Foram centenaes de pessoas vel-os e
admiral-os.

Um camarista de grande nariz foi tambem.

Em frente d'aquelle trabalho artistico ficou
exactamente como uma abobora em cima d'um
muro, a curar. Ficou abananado.

E disse então:

—«Meninos: o que é pena é serem em segun-
da mão»...

A segunda mão era a sua ignorancia.

Ha muita gente que só sabe de botijas...

Um abbade disse tambem:

—«Que pena! Tio bonitas; mas era melhor
mandal-as lavar, porque estão muito sujas. Pro-
vavelmente foi da caixa em que vieram».

Julgava que eram algumas galletas de sa-
christia.

Agua benta n'ellas...

Em Pereira, freguezia que fica na falda do
monte da Franqueira, parece que ando o diabo
á solta. Tem havido lá questões e mais questões,
barulho e mais barulho..

Domingo de Paschoa, ao sahir do compasso—
compasso é o prestito parochial que vac dar as
boas-festas aos habitantes—portencia a um in-
dividuo qualquer levar a caldeira d'agua benta.
Outro, porém, tambem queria levar agua na cal-
deira, ou caldeira com agua. Para não haver
questões, resolveu-se que se fizesse a vontade ao
homein. Vieram á villa, pediram uma caldeira
emprestada e um hyssópe, e zis—lá andaram
dous homens e duas caldeiras e dous hyssópes
a borrfifar agua benta pela freguezia.

Não ha nada melhor para enxotar diabos.

Agua benta n'elles, sr. Reitor.

O «Sariho» que é mesmo uma sarilhada de ditos picantes e deliciosamente espirituosos, lembrou-se da nossa individualidade infantil, fazendo commentarios, subidamente engraçados e comicamente hilariantes, a uma local publicada no ultimo numero do nosso meninico jornal.

«Ora vejum lá!

O nosso estimado e presadissimo collega apoda de «muito a serio» a sobrelita local referente á prociissão do Ecce Homo, quando um pouco mais acima, graciosamente aprunado no seu estylo aprimoradissimo, diz:

«Que somos uma «lagrima de riso», porque procuramos mais o genero humoristico, que os episodios commoventes e serumbaticos.»

E é elle que depois nota que fallamos «muito a serio»!!..

E ficou a matutar o maganão!..

Mas, por causa dos «effeitos singulares», que não pense tanto n'isso. Ora vá, vá, faça-nos este obsequio, caro e estimabilissimo collega, porque como sabe muito bem—a pensar... morreu o outro.

Entre pehinizes.

—«Gratuitamente fallando», parece-me impossivel que tu, sendo epocha do defezo, andes com polainas!

Isto é «genuinamente» verdade.

Tem estado um vento diabólico. Pois, o outro dia, um papagaio enorme, com um ratão preso á cauda, pairou sobre o Campo da Feira.

Por signaes telegrapho-semaphoricos, communicou-nos o excurcionista aéreo, que o seu expanto não conhecia limites.

Prestamos a devída attenção.

Era que o acróbata descobrira, n'uma pharmacia do referido Campo, um menino todo enlulado a varrer o estabelecimento!

Credo!

E' factó o succedido, porque depois o Jayme Vallongo veio corroborar o que vimos.

O caso é simples. O cantoneiro Bento Luiz da Silva olhou para o Campo de S. José e viu porcos, gallinhas, marrecos...

Disse—se tudo isto quer dizer vallado Em que a herva cresce e se apascenta o «gado», E' mais desculpavel e tem mais razão Ser «cemiterio». E lá enterra um cão.

O artigo «Progresso» é devido á penna d'um illustrado filho de Barcellos. Publicaremos d'hoje em diante outros, escriptos por cavalheiros d'esta villa, sobejamente conhecidos não só na imprensa

d'aquí como até na de todo o paiz. Assim, terão os assignantes no fim d'um anno da «Lagrima», uma «pasticho» litteraria de todas as pessoas mais graças, e que, por mais de uma vez, tem exuberantemente evidenciado o seu talento. N'esse numero contamos inserir uma do nosso conterraneo Jayme Segurier.

O «PIMPÃO» E O «SARILHO».



Tem ambos as intenções
De fazerem rir a gente;
Um consegue-o amplamente,
Outro fica em ambições.

Com superfina piada
Quantos leem o «Pimpão»
São todos d'opinião
Que promove a gargalhada.



O «Sariho» francamente
Não alcança o mesmo fim,
Mas o peor 'inda assim
E' ser contraproducente.

Pois longe de fazer rir,
(Oh! Bupista tem pae'encia)
Só produz a somnolencia
O leitor fica a dormir.